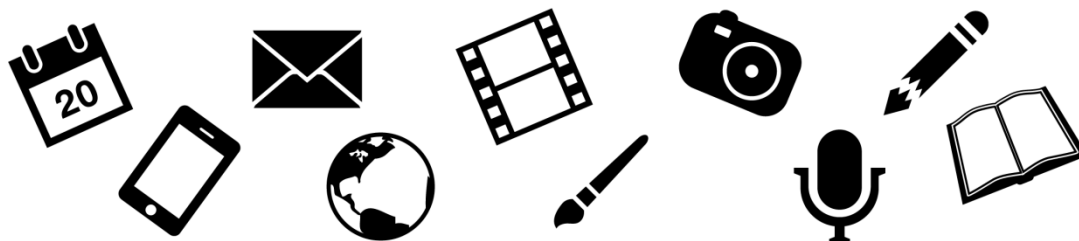




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

02 e 03 de setembro de 2017

Notícias do Dia
Saraga Schiestl
"Professor constrói impressora"

Professor constrói impressora / UFSC / Departamento de Física /
Universidade Federal de Santa Catarina / Jorge Douglas Massayuri Kando /
Impressora 3D

SARAGA SCHIESTL ■ saraga@noticiasdodia.com.br Acompanhe as notícias do ND em tempo real. Acesse www.ndonline.com.br ou use o QRCode

PROFESSOR CONSTRÓI IMPRESSORA

O professor do Departamento de Física da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Jorge Douglas Massayuki Kando, construiu uma impressora 3D apenas com peças que foram fabricadas por outra impressora da Universidade. O novo equipamento será usado para criar os objetos que vão formar o laboratório de física atômica. A impressora demora em torno de cinco horas para finalizar uma peça e um dos primeiros projetos que utilizará a tecnologia é a construção de um laser que custa R\$ 560 mil. ●



JORGE MASSAYUKI/DIVULGAÇÃO/ND

Notícias do Dia
Bom Dia
"Desagravo"

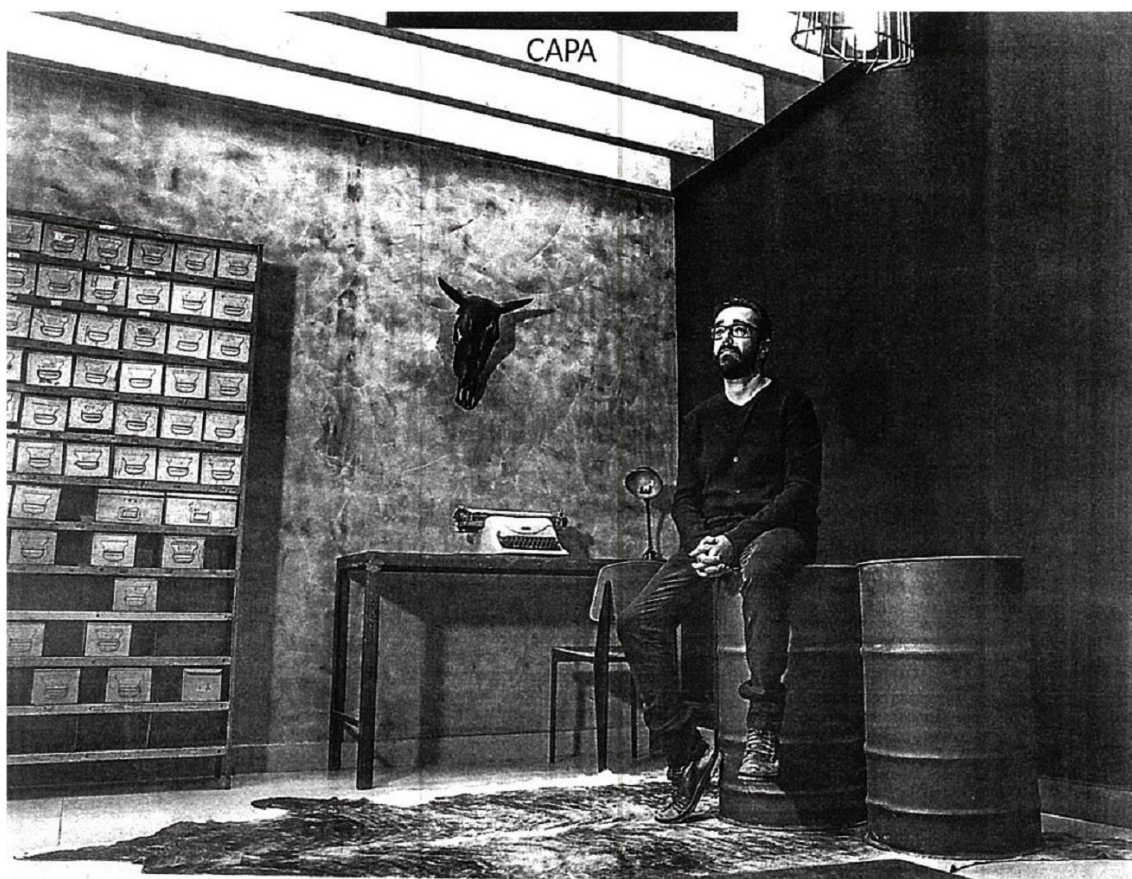
Desagravo / UFSC / Florianópolis / Direito / Ditadura

Desagravo

Está programado para o dia 12, em Florianópolis, uma sessão pública de desagravo, um pedido de desculpas institucional, a ex-professores e ex-alunos da faculdade de Direito da UFSC que foram perseguidos durante a ditadura militar. Serão cerca de 30 homenageados no evento, que vai marcar os 85 anos do curso e do Centro Acadêmico, que coordena a iniciativa.

Diário Catarinense / A Notícia
Capa e Revista Versar
"O que brilha os olhos"

O que brilha os olhos / UFSC / Jovens empreendedores / Vale do Itajaí /
Engenharia Civil / Ricardo Vasselai



O QUE BRILHA OS OLHOS

TEXTO: CRISTIANO SANTOS | cristiano.santos@jovensnsc.com.br
FOTOS: MARCO FAVERO | marco.favero@jovensnsc.com.br

JOVENS EMPREENDEDORES APOSTAM EM IDEIAS
QUE FOGEM DOS CLICHÊS GERMÂNICOS E
RENOVAM A IMAGEM DO VALE DO ITAJAÍ

Decididamente, empreender nunca esteve tão em alta e tão necessário quanto nos últimos anos. Com boas ideias, bem executadas, um pouco de sorte e muito conhecimento (suor também ajuda), alguns jovens de Blumenau – representantes de outros nomes de diferentes áreas – ganharam terreno fugindo da obviedade que cerca a maioria dos projetos.

Vale do Itajaí é conhecido por alguns clichês que, deliciosamente, por que não?, fazem parte da história da região. Na gastronomia, na construção civil ou na indústria têxtil, força motriz que deu fama mundial àquele pedaço de terra cravado entre rios e montanhas.

Para a primeira desta série de reportagens que vai circular por diferentes regiões de Santa Catarina, fomos atrás de personagens e suas histórias de paixão, de brilho nos olhos, de ousadia.

Encontramos um engenheiro civil que se uniu a um grupo de criativos para levar design aos condomínios até então caretas da cidade. Também ouvimos o relato divertido de duas irmãs que criaram uma marca de roupas para mulheres empoderadas, que aceitam seus corpos. Atuais, como deve ser um empreendedor. Também descobrimos como uma advogada se tornou uma das chefes de nutrição funcional mais badaladas do país. Para encerrar, um publicitário que mudou de vida ao se transformar em montanhista. Tudo inspirador. Não é um guia, mas tem várias dicas transformadas em palavras.

◀ DESIGN PARA TODOS

Ricardo Vasselai não tinha dúvidas sobre qual carreira seguir. O pai investia em imóveis e o que ganhava na área de seguros e um dos tios construía loteamentos. Na hora do vestibular, a escolha por Engenharia Civil na UFSC foi natural. Mas aos poucos seu feeling, moeda importante nesse Banco Imobiliário da vida real, apontava que um caminho óbvio não estava nos planos.

- Durante a faculdade visitei bastante obra, fiz cursos, lia bastante, procurando entender e como entrar no mercado. Eu ainda tinha uma cabeça de engenheiro - conta o blumenauense de 40 anos, voz mansa e firme, cuja incorporadora foi batizada com seu sobrenome.

Depois de um MBA em marketing, ele decidiu que a empresa não seria só mais uma, dos projetos comuns. Como uma fórmula, no início dos anos 2000, seguiu o que pregam muitos cases de sucesso dessa nova economia que mudou o mundo: quando iniciar um projeto, procure novos nomes, gente que está começando. A energia é outra. E assim Ricardo encontrou o arquiteto Osvaldo Segundo, outro rapaz educado, elegante e dono de um gosto tão refinado que flerta com aquele minimalismo quase incompreendido pela maioria.

Juntos, trocaram ideias e experiências e ainda ganharam a essencial colaboração dos criativos da

Firmorama, de Jaraguá do Sul.

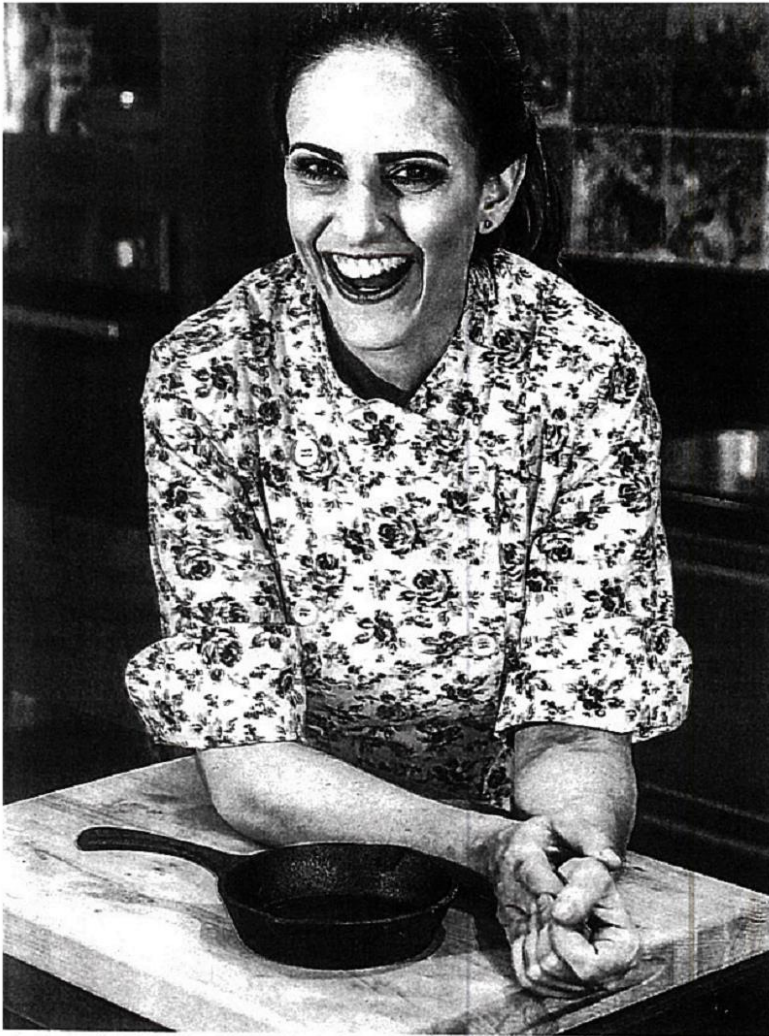
- Com eles, eu aprendi essa outra parte, do design, de criar um conceito. Eles trouxeram outra visão. Todo mundo tinha conhecimento para compartilhar. Antes, você construía um prédio, dava um nome qualquer e entregava. Nós criamos um time criativo bem forte. Começamos a viajar para Nova York, Dubai, Londres, Milão, sempre em feiras, em busca de novos nomes - comemora o engenheiro. Para seus prédios, alguns nomes conhecidos do design nacional e mundial já assinaram as áreas comuns. Artistas visuais como Nestor Jr. e Julian Gallasch, figuras incensadas das artes catarinenses, também rabiscaram paredes, algumas ainda em obras e preservadas até hoje. Há uma outra característica nas criações da trupe: os empreendimentos não têm piscina, têm poucas áreas comuns e algumas unidades contam com um rooftop, o velho terraço que agora ganha frequentadores que gostam de churrasco, futebol, cerveja artesanal e trabalham com tecnologia, moda e arquitetura.

- Quando a gente vive um excesso de informações, as pessoas vão atrás do que é mais puro, o que tem mais significado. O consumidor de um prédio não é diferente daquele de comida, de roupa ou de carro - finaliza.



**QUANDO A GENTE
VIVE UM EXCESSO DE
INFORMAÇÕES, VAMOS
ATRÁS DO QUE É MAIS
PURO, TEM MAIS
SIGNIFICADO.
O CONSUMIDOR DE
UM PRÉDIO NÃO É
DIFERENTE DAQUELE DE
COMIDA OU DE ROUPA.**

**RICARDO VASSELAI,
engenheiro civil**



↑ ENERGIA NUTRICIONAL

Lidiane Barbosa, 38 anos, não nasceu na terra da Oktoberfest, do Joelho de Porco e do purê de maçã, alguns itens indispensáveis no clichê gastronômico da região. Quando a santista chegou a Blumenau ela já tinha passado pela faculdade de Direito, feito um intercâmbio na Espanha e não aguentava mais fugir de sua vocação: a gastronomia funcional.

– Eu já tinha essa relação com a cozinha. Na época da faculdade, fazia jantares para os amigos, sempre buscando uma cozinha mais saudável – relembra, na sala de casa no Bairro da Velha.

Lidi, como é conhecida, também busca na memória a lembrança mais remota da infância com as panelas, quando a avó Alice bancou um curso de gastronomia. Na trajetória da chef, há uma adolescência acima do peso, uma anorexia tratada a tempo e muita energia para levantar da cama todos os dias.

– Já estava casada e com duas filhas quando viemos morar em Blumenau. Cheguei e decidi que ia mergulhar nessa área. Matriculei as meninas na escola e fui para o Sebrae, queria abrir um restaurante de comida saudável. As pessoas diziam: 'ninguém vai comer sua comida. Aqui não vai

funcionar' – conta, às gargalhadas.

Pegou o telefone e ligou para 10 nutricionistas da cidade. Duas lhe concederam mais do que cinco minutos. Daí em diante, buscou cada vez mais especialização na área, no Brasil e fora dele.

– Eu precisava entender o que era o saudável. Fiz uma pós-graduação e também criei uma parceria com um dos maiores institutos de alimentação funcional do país, o que me munuiu de muito conhecimento, fiz muitos cursos.

A gastronomia funcional usa técnicas dietéticas para criar receitas que vão além do sabor, dando aos alimentos a função de contribuir para a manutenção da saúde além de também prevenir doenças. O próximo passo foi partir para os workshops, cada vez mais lotados, e, conseqüentemente, as consultorias em restaurantes, já são 17 no país. Há até um livro infantil no caminho, com histórias e receitas para as crianças.

– Eu poderia ser somente uma fazedora de receitas, mas as pessoas me respeitam por algo mais, pelo meu conhecimento, sou incansável, odeio ficar na mesmice.



↑ EMPODERADAS E PLENAS

Estar no lugar certo e na hora certa é o que se costuma dizer em relação ao sucesso de uma ideia. As irmãs Gabi e Dani Vanzuita (à direita na foto acima), 30 e 38 anos, estavam cansadas das mudanças administrativas na empresa da família, produtora de roupa de cama, outra característica da indústria têxtil local.

Quando um homem assumiu o comando do negócio, as duas, que desde sempre tiveram vontade de criar uma marca, não se sentiram intimidadas. Avistaram uma oportunidade de mudança de rumo. Enquanto isso, lá por 2013, o mundo já fervilhava em debates sobre feminismo e igualdade de gêneros.

Dispostas a ter o negócio próprio, as irmãs compraram tecido e, inicialmente, lançaram uma linha de camisetas xadrez. Mas queriam mais. Foram em busca de consultoria e de um coach.

– A gente pode dizer que estava, neste momento, até fragilizada, tentando se encontrar, mas, de repente, viramos um mulherão. A nossa marca não foi programada para ser feminista, as coisas foram acontecendo – lembra Gabi, formada em Moda.

A camiseta com a frase Não Sou Obrigada deu o start. As irmãs criaram um manifesto a favor das mulheres, dos negros, dos gays, escreveram uma carta a próprio punho, como fazem até hoje em suas encomendas, e enviaram para 17 influenciadores digitais. Então, a 787 Shirts ganhou fama. Celebridades digitais como Magalhães Moura, Ju Romano e Bruna Vieira postaram o presente. Daí, bem, daí nós sabemos o que isso gera. Milhares de curtidas e um WhatsApp que não parava de receber pedidos.

– Chegou uma hora em que decidimos fazer um site, uma plataforma pronta, custou R\$ 400 divididos em duas vezes. No começo, a gente pensou: 'nossa, a gente tá em casa e não precisa fazer nada' – fala Dani, sentada em uma das mesas do espaço que elas alugaram para administrar e



“ ”

**NÃO SEPARAMOS,
É A MESMA COISA,
TUDO O QUE A GENTE
PRODUZ TAMBÉM É
PLUS SIZE.**

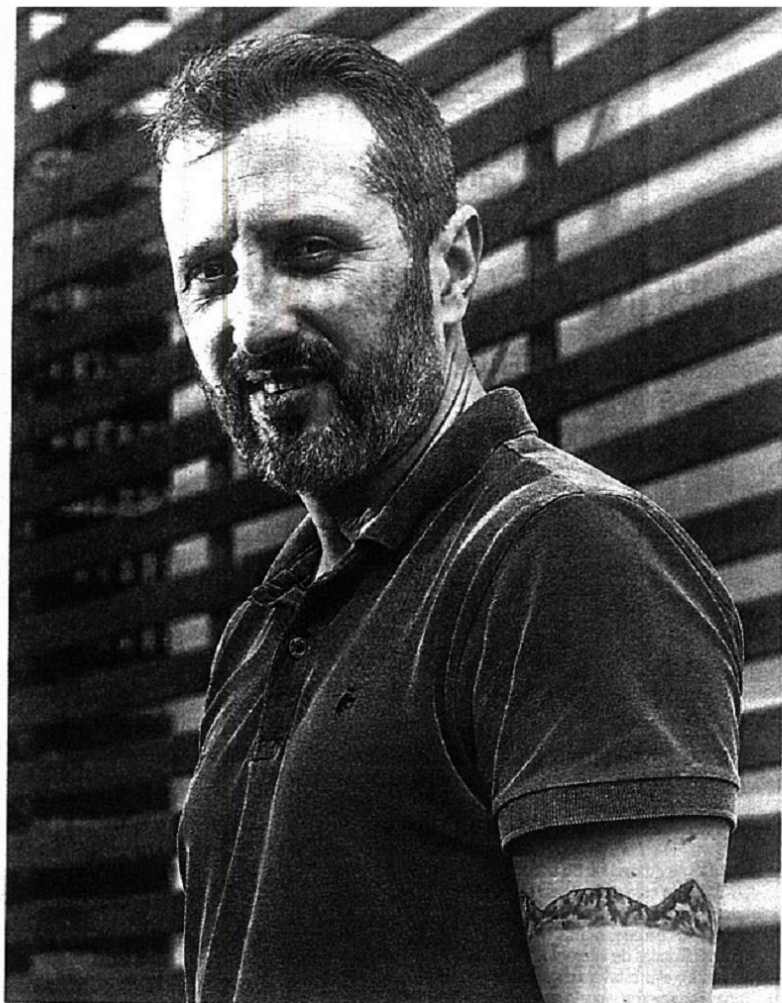
GABI VANZUITA,
designer de moda

expandir os domínios. Claro que, não, a realidade não é essa, é preciso muito suor e disposição para, além da administração, mostrar o dia a dia no Stories do Instagram, afinal, foi ali que elas ganharam espaço.

Se não bastassem as frases de impacto e atuais - Girl Power e Plena estão entre as prediletas -, as blumenauenses atenderam outro tipo de mulher, aquelas que se encaixam no tamanho plus size. Das camisetas, elas partiram para os moletons, maiôs, a linha fitness.

- Começamos do P ao G. Mas aí ganhamos um outro público, que estava carente de moda. E não separamos, é a mesma coisa, tudo o que a gente produz também é plus size - comemora a caçula. Na grade a numeração vai até o G6. A falta de cachê também ajudou na composição de todo o conceito:

- As modelos são mulheres reais. A gente não tinha dinheiro para pagar modelo, mas a gente nunca curtiu a amiga muito magra, com cabelão, não tinha a ver com a gente - encerram, enquanto posam para as fotos com suas criações.



ALTO E AVANTE ↕

Certas histórias ganham brilho extra quando o roteiro muda repentinamente. Juliano Sant'Ana tinha sido jogador de handebol, mas o esporte, há uns cinco anos, quando tinha 32, era passado. Sedentário, o corpo do publicitário mandou um recado em forma de dores e visitas ao hospital.

- O médico falou: 'nesse ritmo, você vai reduzir cada vez mais sua expectativa de vida. E esse é um diagnóstico comum: é estresse' - conta o blumenauense que, nesta época, comandava uma agência e não parava um minuto.

Para emagrecer, fez dietas malucas, secou, mas não durou muito tempo. Até que em uma viagem com a mulher e as duas filhas, Juliano se viu em Vale Nevado, aos pés do Aconcágua. Ficou observando, extasiado, o cume da montanha mais alta fora da Ásia. Tentou subir uns 200 metros e não conseguiu, sentiu na pele um milésimo dos desafios de um montanhista. Ali, nasceu uma vida nova.

- Voltei e comecei a pesquisar sobre o assunto, a falar para todo mundo que ia subir o Aconcágua. Claro, ninguém acreditava. Devagar, comecei a motivar os amigos e, de repente, éramos cinco nessa aventura, treinando, vendo os resultados dia após dia - relembra, enquanto enumera os treinamentos em morros e montanhas do Estado.

- Primeiro, você não entende como vai aguentar,

depois de um tempo começa a entrar em êxtase. Sem contar que você ganha um pôr do sol que nenhum turista tem. Eu posso dizer que hoje conheço Santa Catarina por outros ângulos.

Da aventura de 17 dias sem banho com uma mochila de 20kg nas costas, no Aconcágua, restaram boas histórias. Nem todos conseguiram subir o planejado, Juliano acabou voltando poucos metros antes de chegar. Mas não sentiu-se derrotado, encontrou outras versões para o esporte, abriu a mente. Entendeu que não é o topo, é o caminho até lá que interessa.

De volta, o negócio tomou mais forma, a vontade de outra experiência ganhou corpo. E um patrocínio realizou a ida até o Kilimanjaro, na África. O investidor gostou do projeto, mas deu uma semana para que, em contrapartida, o publicitário criasse uma série de ações, como trekking corporativo e palestra motivacional. Foi um sucesso. Daí em diante, criou uma empresa, a Target, para levar gente comum a testar seus limites, nos campos empresarial e pessoal.

- Tive muitas descobertas neste caminho, me transformei. Mudei como pessoa, fora e dentro de casa. E hoje posso dizer que sei como gerenciar uma crise - encerra, mostrando no braço a tatuagem que resume sua paixão. V

Notícias do dia Plural "Bruzundanga é aqui"

Bruzundanga é aqui / UFSC / Lima Barreto / Dirce Waltrick do Amarante /
Curso de Artes Cênicas / Universidade Federal de Santa Catarina / Festa
Literária Internacional de Paraty

10/11 NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 2 E 3/9/2017

Lima Barreto é atual no livro publicado postumamente que fala de um país rico de tudo, mas miserável, que se assemelha ao Brasil de hoje

Bruzundanga é aqui!

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

Lima Barreto (1881-1922), escritor homenageado deste ano na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), é autor de sátiras memoráveis, como, por exemplo, "Triste fim de Policarpo Quaresma", "O homem que sabia javanês" e "Os Bruzundangas", publicado postumamente, em 1923, que vem à tona com destaque por tratar de temas brasileiros extremamente atuais.

Bruzundanga parece uma palavra inventada, mas, como lembra a estudiosa Cristina Garófalo Porini, ela existe e, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, significa "coisa de pouca valia; confusão; linguagem confusa; coisa malfeita [...]". No livro de Lima Barreto, a palavra dá nome a um país fictício, que, obviamente, nada mais é do que o Brasil de seu tempo e, por incrível que pareça, o de hoje.

Os Bruzundangas deveria ser leitura obrigatória para aqueles que pretendem entender a confusa situação política, econômica e social do Brasil contemporâneo. Cada capítulo do livro aborda um determinado aspecto da nação bruzundanga (que é tão nossa!). No capítulo que trata da política e dos políticos do país, lê-se: "A minha estadia na Bruzundanga foi demorada e proveitosa. O país, no dizer de todos, é rico, tem todos os minerais, todos os vegetais úteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miséria".

Há momentos, contudo, em que a situação melhora: "Isto dura dois ou três anos; mas, de repente, todo esse aspecto da Bruzundanga muda. Toda a gente começa a ficar na miséria. Não há mais dinheiro. As confeitarias vivem às moscas; as casas de elegância põem à porta verdadeiros recrutadores de fregueses [...]". Como não lembrar do Brasil?

Sobre os políticos da Bruzundanga, lê-se que a população vive na miséria, "para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes disso ou daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres".

REPRODUÇÃO



"Os Bruzundangas", de Lima Barreto, foi publicado em 1923, um ano após sua morte

E não param por aí as peculiaridades da nação bruzundanguense que se coadunam com as nossas: "Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado".

Com tantos problemas na nação, "o ideal de todo e qualquer natural da Bruzundanga é viver fora do país. Pode-se dizer que todos anseiam por isso; e, como Robinson [Crusoe], vivem nas praias e nos morros, à espera do navio que os venha buscar".

De fato, o ideal desse povo é ter um herói que "salve" a Pátria ou justifique "aos olhos do seu povo a existência fácil e opulenta

das facções que a têm dirigido". Mas, na terra bruzundanguense, o herói é "uma senhora que nada fez por ela, antes perturbou-lhe a vida, auxiliando um aventureiro estrangeiro que se meteu nas suas guerras civis [...]". Por aí, podem os senhores ver de que estofa são os heróis da Bruzundanga, mas há outros".

Lima Barreto é crítico mordaz e extremamente atual. Revisitar o livro dele talvez abra nossos olhos e nos evite de cometer os mesmos erros de um século atrás. Será?

*Professora do curso de artes cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Notícias do dia Plural "Extraordinário papel"

Extraordinário papel / UFSC / Coepad / Cooperativa Social de Pais, Amigos e Portadores de Deficiência / Oficina de papel reciclado / Fabrícia Silveira / Solange Salles Schieffer / Aldo Brito



Com possibilidades inúmeras de texturas, relevos, formatos e cor, o papel deixa sua função de simples suporte para ser também arte e experiência

GUSTAVO BRUNING

gustavo.bruning@noticiasdodia.com.br

Por mais que os aparelhos de GPS e os smartphones tenham tornado os mapas obsoletos e os CDs e DVDs tenham sido abocanhados pelo streaming, a revolução tecnológica não é tão intensa em todos os mercados. Enquanto os e-readers não se tornam a prioridade das editoras, o papel continua dominando diversos cenários. Em Florianópolis, por exemplo, profissionais locais aproveitam o nicho para oferecer alternativas àquelas que ainda têm preferência por detalhes como a textura e o relevo.

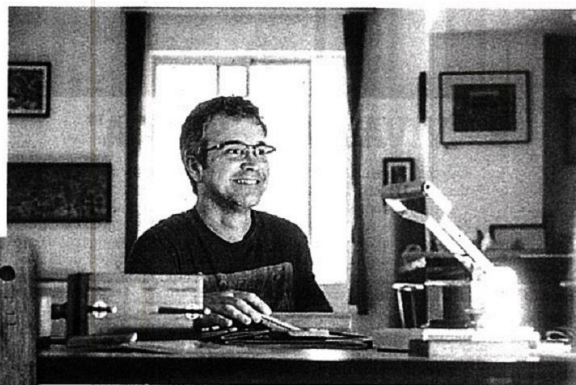
O diploma de webdesigner e o apreço por livros digitais não substituem o carinho que Aleph Ozuas, de 43 anos, tem pelos trabalhos manuais. O catarinense explora os talentos na arte de crafting e encadernação manual por meio do site Corrupiolo, que lançou em 2008, com a ex-mulher. O artista cria cadernos, agendas e ferramentas de encadernação, e acredita que o livro impresso está seguindo o mesmo caminho do vinil. "Antes do e-book não havia uma separação entre conteúdo e suporte. Com a chegada do digital, vimos como o suporte também é algo importante", afirma.

Aleph considera os cadernos que produz como "livros em branco". "Eles têm tiragem pequena e muitas pessoas os compram para colecionar. São livros-objeto, e cada peça é única", garante. De fato, a combinação entre costura, tipografia e acabamento feito à mão deixa as suas peculiaridades. Para o artista, a questão sensorial – quando o tato capta detalhes da impressão da tipografia e da textura do papel – é algo que acrescenta à experiência de leitura e manuseio. "Eu leio muito no [e-reader] Kindle, e costumo comprar o impresso quando tem um acabamento especial que vale a pena, como em livros de arte", conta. "A Cosac Naily foi uma editora que trouxe muita experimentação para o mercado editorial, com a combinação de várias técnicas".

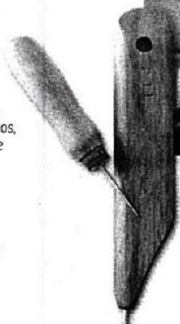
Para a idealizadora do projeto Armazém, Juliana Crispe, o manual e o digital têm tudo para colaborar no campo artístico. "Mesmo com os meios tecnológicos, a gravura, por exemplo, é algo que acaba resistindo – ela tem uma linguagem e uma técnica que permite pensar à frente", conta. Como parte do Armazém, ela promove exposições e feiras de obras que sejam múltiplas, reunindo publicações, livros e cadernos de artista, além de pastais, panfletos, cartazes, gravuras, cartões, entre outros. "Esse tipo de arte, produzida em papel, envolve o tocar e o sentir; envolve experimentar além do olhar", afirma. Além disso, defende que a materialidade do papel torna a arte ainda mais acessível. "Quando você consegue reproduzir uma obra, o público consegue levá-la consigo."

"O computador é uma coisa trivial para o meu trabalho, mas eu nunca tive agenda eletrônica", garante a jornalista Angelita Maria Correa, de 45 anos. Segundo ela, o valor que o material físico agrega vai além do resultado final. Responsável pelo marca Papel Bonito, a profissional produz álbuns utilizando a técnica do scrapbook há mais de uma década, e hoje investe na criação de artes para miolos de agendas. "Muitas pessoas não revelam mais fotos hoje em dia. Por isso o scrapbook é legal: ele permite contar uma história", explica, apesar de atualmente ser demanda estar mais voltado mesmo às agendas.

Extraordinário



DANIEL QUEIROZINO



Aleph Ozuas acredita na experiência sensorial de leitura. Ele produz livros, agendas com as próprias ferramentas e também ensina

Ferramentas e cadernos

Nos materiais que produz como parte da loja Corrupiolo, Aleph Ozuas empresta diferentes técnicas de tipografia, colagem e encadernação manual, além de utilizar papel pólen e papel artesanal. Também usa sobras de papel e realiza trabalhos colaborativos, como os cadernos com capas criadas pela ilustradora inglesa Thereza Rowe e pela artista Pati Peccin, de Florianópolis, do selo Patifaria.

O primeiro contato com a arte, segundo o doutorando em literatura, ocorreu na infância. "Eu tirava os grampões e costurava as revistas de histórias em quadrinhos, para que eles não enferrujassem", relembra. Foi quando Aleph conheceu o poeta e artista carioca Cleber Teixeira, fundador da editora Noa Noa, que a paixão foi intensificada. Junto veio o interesse pela encadernação manual e por cursos na Oficina Tipográfica São Paulo.

Apesar da essência artesanal do Corrupiolo, o mundo virtual faz parte do projeto. "Mesmo que eu trabalhe

com algo digital, o físico ainda traz as ideias", afirma. Por meio do site, Aleph já vendeu prensas, gabaritos e berços de encadernação para clientes de Portugal, Estados Unidos e Canadá. As peças, feitas de madeira de lei, são definidas pelo artista como "versões mais práticas e portáteis de ferramentas clássicas". Entre os desafios do negócio estão a logística de envio e a falta de matérias-primas na região. "Preciso buscar em São Paulo os materiais de marcenaria e para a confecção dos cadernos", diz.

"O craft é um artesanato com design agregado. Sinto que nos últimos três anos esse mercado tem crescido muito, pois estamos vivendo um retorno às técnicas manuais", garante. Parte do talento de Aleph é compartilhado em oficinas, como a que ocorre na próxima quinta-feira (7), na Fafaria, no Centro de Florianópolis. Além disso, o artista é o convidado especial da 3ª edição da Feira de Arte de Florianópolis, que será realizada no Centro da cidade no próximo sábado (9).

Programe-se

- 2/9, 14h, Aniversário de 1 ano Espaço Cultural Armazém - Coletivo Elza, rodovia Gilson da Costa Xavier, 942, Sambaqui. Gratuito

- 7/9, das 9h30 às 12h e das 13h30 às 17h, Oficina de encadernação com Aleph Ozuas. Fafaria - DNA de Arte, rua Fernando Machado, 261, Centro. R\$ 250

- 9/9, das 11h às 17h, Feira de Arte de Florianópolis - Ano 3 - Encadernação, rua dos Ilhéus, 344, Centro. Gratuito

papel

CORRUPIOLA - EXPERIÊNCIAS MANUAIS

corrupiola.com.br

PAPÉL BONITO

papelbonito.com.br / (48) 4805-3142

COEPAD

coepad.com.br / (48) 3222-8757

Rua 14 de Julho, 107, Estreito

Scrapbooks e agendas

O trabalho de Angelita Maria Correa com álbuns de scrapbook começou em 2004, após a perder a filha. A jornalista decidiu guardar os registros mais importantes da menina em um álbum especial, mas não encontrou um design apropriado. Foi então que conheceu a técnica por meio da internet, e, logo depois, fez aulas em São Paulo. "Hoje em dia é um grande mercado, tem muita gente fazendo scrapbooks em Florianópolis", explica.

Mesclando design e texto - suas duas paixões, Angelita começou a explorar diferentes tipos de papéis, como o chipboard. Depois de um tempo, abriu um escritório na própria casa e passou a ensinar a técnica. "Eu sempre fui muito ligada a cores, papéis e estampas, e aquilo era uma pira", diz. A jornalista chegou a morar em Barcelona, onde ensinou a criar scrapbook em cursos.

Descontente com a simplicidade das páginas das agendas, escolheu criar estampas no Adobe Illustrator. "É [um trabalho] intuitivo. Nunca fiz pesquisa de tendências e sempre criei o que tenho vontade de usar", revela. Com coleções anuais, o trabalho passou a ser mais intenso. "O que mais me realiza hoje é desenhar as agendas. Essa parte dos álbuns é muito legal, mas tem muita logística com fornecedores", conta. No último ano, Angelita vendeu dois mil pacotes com 180 folhas para 37 lojas de todo o Brasil.

FLÁVIO TININO



Angelita Maria Correa dispensa a agenda eletrônica. Ela cria estampas para agendas e faz scrapbooks sob encomenda

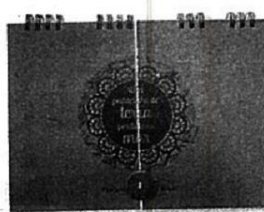
Oficina de papel

Quase duas décadas após a fundação da Coepad (Cooperativa Social de Pais, Amigos e Portadores de Deficiência), a oficina de papel reciclado ainda faz parte da rotina do espaço, que produz aproximadamente 200 cadernos por dia. "É o tipo de trabalho que ajuda a ter paciência com os outros", conta a coordenadora da oficina, Fabricia Silveira.

De segunda a sexta-feira, 12 pessoas participam da confecção de papel, que é utilizado em capas de cadernos, agendas e cartões. Após o processo de trituração, o material vai para a água e é mexido em um liquidificador. Quando vira massa, são adicionadas fibra e cola à mistura, que vai para o tanque e para a prensa antes de ser pendurada para secar.

Solange Salles Schieffer, de 52 anos, participa da Coepad há 10 anos já está habituada à rotina de produção do papel. "É bom porque é uma forma de a gente não ficar em casa e ver os amigos", diz. O trabalho favorito dela é a capa que mescla sobras de papel à folha reciclada.

Voltada para deficientes mentais, a Coepad busca desenvolver a cidadania de seus cooperados através do trabalho. "Nós começamos reciclando papel, mas percebemos que faltava mercado. Aí criamos as oficinas, que hoje são de papel artesanal, cartonagem, acabamento gráfico, serigrafia e corte e costura", conta Aldo Brito, presidente da cooperativa. Atualmente, o projeto tem uma linha de 40 produtos, que são vendidos na UFSC, em empresas e na sede, localizada no Estreito.



Presidente da Coepad, Aldo Brito com as criações da oficina de papel reciclado, que chega a produzir 200 cadernos por dia

DANIEL QUEROZINO



A Notícia Anexo "Evento"

Evento / UFSC / Perini Business Park / Universidade Federal de Santa Catarina / Perville Engenharia / Fiesc / Mário Cezar de Aguiar / Udo Döhler / Marcelo Hack / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Catia Regina Silva de Carvalho Pinto

Evento

Na noite de quinta-feira, foi formalizada a troca de endereço da UFSC, que vai para o Perini Business Park, primeiro condomínio empresarial do Brasil a receber uma universidade federal. A cerimônia foi na Casa Suíça. O novo campus, que será construído pela Perville Engenharia, ocupará uma área de aproximadamente 13 mil m². Será entregue em fevereiro de 2018, e as aulas do próximo semestre já serão no novo campus.

DIVULGAÇÃO



SOLENIDADE
Na assinatura, o vice-presidente da Fiesc, Mario Cezar de Aguiar; o prefeito de Joinville, Udo Döhler; o presidente do Perini Business Park, Marcelo Hack; o reitor da UFSC, professor-doutor Luiz Carlos Cancellier de Olivo; e a diretora da UFSC Joinville, Dra. Catia Regina Silva de Carvalho Pinto.

A Notícia Jefferson Saavedra "Mais tempo"

Mais tempo / UFSC / Parque Perini / Contrato de Locação

Mais tempo

O contrato de locação por cinco anos com o parque Perini, com possibilidade de prorrogação, é prova suficiente da permanência do UFSC no condomínio industrial por muito tempo e reconhecimento de que a sede na BR-101 vai demorar. Mas não foi só o campus que não saiu por aquela região.

A Notícia
Jefferson Saavedra
"Palestra"

Palestra / UFSC / Ciro Gomes / Engenharia da Mobilidade / Joinville



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

02/09/2017

[Escritor sul-coreano Byung-Chul Han analisa o mundo atual em livro](#)

[Hackaton Celesc: 12 ideias em torno de atendimento, inadimplência](#)

[e redução de custos](#)

[Palestra](#)